Brigham Young University

Harold B. Lee Library

Mormonism in Brazil

Oral History Project

LEONEL DE SÁ MAIA

Interviewed

by

Mark L. Grover

on

May 17, 1982

PREFACE

This is a transcript of an interview conducted by Mark L. Grover in Sao Paulo, Sao Paulo, Brazil with Leonel de Sá Maia on May 17, 1982. Leonel was a convert to the Church as a young boy and served both as a construction missionary as well as a proselyting mission in France. He studied at Brigham Young University and the University of Chicago. He has held several positions in the Church and has worked for the Church in different positions.

Scholars are welcome to utilize short excerpts from this manuscript without obtaining permission as long as proper credit is given to the interviewee, interviewer and the sponsoring institution, if any. Scholars must, however obtain permission from the Brigham Young University Archives before making extensive quotations of the manuscript or of related materials.

The original recording has been treated as only the first stage in the creation of this manuscript. A verbatim transcript of the audio tape was made and then edited to conform to the standards of the written language. Unclarity, to a certain extent, false starts and redundancies were removed. An attempt has been made to strive to reach a balance between clarity and flavor of the spoken language. The edited copy was returned to the interviewee for his corrections, additions, and deletions, which in some cases might have been extensive. The corrected copy was bound and deposited in the final form as it appears here.

In addition to this transcript, a copy of the original tape and the results of the intermediate processing stages are available for scholarly use. The tape of the interview has been preserved and is available upon application to the Brigham Young University Archives, Harold B. Lee Library.

Beyond the efforts to obtain the truth during the interview, the interviewer assumes no responsibility for the accuracy of the statements made in this transcript. This transcript and its related materials may not be reproduced by any party except the Brigham Young University Archives.

TABLE OF CONTENTS

Family Background 1

Joins the Mormon Church 2

Youth Program 3

Construction Missionary 4

Proselyting Missionary 5

Schooling 7

Blacks and the Priesthood 7

American Influence 8

Women in the Church 9

Brigham Young University 11

São Paulo Temple 12

Influence of Church in Brazil 13

Temple Dedication 16

**ENTREVISTA COM LEONEL DE SÁ MAIA**

**Entrevistador: Mark L**. **Grover**

**Entrevistado: Leonel de Sá Maia**

**Data: 17 de maio de 1982**

**Local: São Paulo, São Paulo, Brazil**

Grover: Nós estamos na casa de Leonel de Sá Maia em São Paulo, na Avenida Francisco Morato. Hoje é dia 17 de maio. Primeiramente você poderia falar em pouco sobre a família onde você nasceu, seus pais.

Sá Maia: Minha família é originária do Ceará, sendo que o me pai na verdade, é de ancestrais do Rio Grande do Norte, mas ele nasceu na no Acre, do grupo que emigrou para o norte na época do ciclo da borracha, fim do seculo XIX. Meu pai nasceu então no Acre e depois a família retornou para o Ceará. Minha mãe é originária do Ceará e todos nós, somos 8 filhos, 5 homens e 3 mulheres, mas o primeiro morreu cedo, então hoje somos 7. Todos cearenses. Estamos em São Paulo desde 1951.

Grover: São de origem italiana?

Sá Maia: Não, a origem é portuguêsa. Os dois nomes são basicamente de origem portuguêsa.

Grover: Então são 7 na família?

Sá Maia: Sete.

Grover: Por que seu pai mudou para cá? Para São Paulo.

Sá Maia: Bom, ele aposentou-se lá, e quando ele se aposentou, minha irmã mais velha devia estar em torno de 16 ou 17 anos, e o pessoal já ía começar a ingressar na carreira superior, e eu acredito que foi mais por isso, por uma questão de orientação educacional e outras oportunidades como trabalho, e minha mãe se aclimatava melhor no sul também.

Grover: Seu pai fazia o que?

Sá Maia: Era ferroviário. Trabalhou 35 anos na ferrovia do Estado lá.

Grover: E qual era a religião da família?

Sá Maia: Bom, de origem somos católicos, mas meu pai era maçon.

Grover: Ele teve atividade política atrav’es da maçonaria?

Sá Maia: Sim, mais na comunidade. Sendo ferroviário e desbravando aquele interior, construindo estradas de ferro, e com tantos anos assim de trabalho ele ocupava uma certa posição na Ferrovia. E normalmente essa pessoa tinha ema certa responsabilidade comunidade, tanto civil como política.

Grover: E como é que você conheceu a igreja?

Sá Maia: Eu conheci a igreja em 1959. Nós morávamos em Itaquera, que era um subúrbio de São Paulo, numa parte de Itaquera que era um parque residencial de trabalhadores de uma empresa. 0 dono dessa empresa construiu um parque residencial para os funcionários dele. Muito bonito. Depois a coisa se abriu e aí mudou-se para essa área, que era bem distante de São Paulo, uma família Mórmon, a família Silveira. Humberto e Maria de Gloria Silveira. Ela era muito ativa na Primária e organizou uma Primária no Lar. Era toda sexta-feira à noite, se me lembro bem. Então a garotada da vizinhança era con­vidada para assistir a Primária na casa dela. Então ela fazia essa reunião para as crianças e eu fui e gostei muito.

Grover: Qual era a sua idade?

Sá Maia: Eu tinha 13 anos. Íamos eu e minha irmã, Ana Luzia, de 11 anos. Era a única atividade que nós tínhamos da igreja e gostamos e depois meus irmãos mais velhos conheceram o irmão Silveira e através desses contatos fomos entrando na igreja pouco a pouco. Eu me batizei quando tinha 15 anos; foi quando meus pais me per mitiram entrar na igreja.

Grover: Tinha missionários lá?

Sá Maia: Tinha. Eles íam, através da família Silveira, das referências da família, os missionários iam até lá ensinar.

Grover: Você se lembra dos nomes dos missionários?

Sá Maia: Olha, eu me lembro assim dos primeiros, enquanto eu ainda era pequeno. Um tal de Elder Nanto, era de Chicago, me parece. Agora, um que esteve bastante envolvido comigo então, que participou na minha conversão, na época de meu batismo, foi Gerald Edward Brown, de Colorado. Era de Colorado mas hoje mora na Califórnia.

Grover: Então você ainda era criança. Como se sentiu como criança? Acreditava, tinha muita fé ou como foi?

Sá Maia: Eu gostava das reuniões. Eu era atraído pelo tipo de atividade da igreja. Achava muito mais envolvente e gostava da organização. Achava muito bem estruturado, atendendo às várias necessidades, achava muito bem organizada. Interessante e envolvente; a gente participava.

Grover: E seu pai, ele gostava de igreja?

Sá Maia: Ele não se interessou muito no começo. Era maçon, assim muito res­guardado, pesquisando, observando, mas sempre muito seguro de si na posição dele, analisando. Dois anos depois que eu me batizei ele entrou na igreja.

Grover: E sua mãe?

Sá Maia: Minha mãe não se converteu, não. Nunca se batizou.

Grover: Você se lembra onde era a igreja, a capela?

Sá Maia: Onde eu conheci a igreja? Era no ramo da Penha. Já como membro eu cheguei a frequentar lá na Rua do Triunfo. Mas logo em seguida mudou-se para a rua Rodoválho Júnior. Era uma casa, muito bonita.

Grover: Como eram as atividades da juventude?

Sá Maia: Bom, naquele tempo, as atividades da juventude se centralizavam na A.M.M. Eram voltadas às atividades que procuravam desenvolver os talentos. Tinha sempre uma parte espiritual, uma aula que era dada e depois um período de atividades. Eu me lembro que no primeiro sábado, que era sábado de jejum, davam ênfase à oratória e depois variava segundo os manuais e os calendários preparados. Tinha atividades de teatro, dança, música, artes em geral e esportes. Então, por causa dessas atividades assim envolventes, havia muita aproximação entre as pessoas, oportunidade de aproximação entre elas e em feriados havia muita ênfase em fazer pique-pique e aproximar o pessoal e também se divertir.

Grover: Então seus amigos eram membros da igreja?

Sá Maia: É,eu tinha, mas eu morava longe e onde eu morava lá em Itaquera, onde eu conheci inicialmente, não haviam muitos membros. Na verdade, o meu círculo mais imediato de amizades na escola e na vizinhança eram não membros da igreja. Mas isso nunca me compremeteu ou prejudicou. Nos domingos ou nos sábados à noite que era a A.M.M.

Grover: Você ficou ativo durante todo o tempo?

Sá Maia: Todo o tempo, sim.

Grover: Você fez missão com dezenove anos?

Sá Maia: Dezoito. Eu fui chamado para Conselheiro do Ramo na Mooca. Nessa época eu não morava mais na Penha, mas morava na Mooca. Minha família se mudou então daquele lugar distante para uma parte mais centralizada da cidade para facilitar a deslocamento do pessoal para o trabalho e para a escola, que agora já tinham saído do Ginásio mudamos para mais perto do centro da cidade e moramos ali entre o Brás e a Mooca. Depois de algum tempo, eu já tinha dezoito anos e dois meses, fui chamado para Conselheiro do Ramo da Mooca.

Grover: E que idade tinha?

Sá Maia: Dezoito anos. Ai eu precisava ser entrevistado para o Sacerdócio Maior, o Sacerdócio de Melquizedeque. 0 irmão José Lombardi era o Conselheiro da Missão e ele foi me entrevistar então par dar o Sacerdócio de Melquizedeque e me fez o chamado para a Missão de Construção. Eu já estava na 2Q Colegial e isso foi uma decisão difícial para a minha fimília. Eu estava no início do 24 Colegial Colegial e foi difícil interromper e fazer uma missão, apesar de eu já ter um irmão que já havia estado em missão ou estava em missão, também de construção. Ele saiu em 61 e aí ele já tinha voltado. Ele foi em 61 e voltou em 63. Em 64 então eu fui chamado para a Missão de Construção, em maio. Então em maio de 64 eu sal para a Missão de Construção. Trabalhei em Bauru, na construção da capela de Bauru inicialmente, fiquei 15 meses lá. Participei de todo o projeto. Eu não tinha experiência de construção.

Grover: Como foi a missão? Você gostou?

Sá Maia: Gostei muito. Eu achei altamente proveitoso para mim e eu acho que do ponto de vista assim pessoal, me ensinou muita coisa a respeito da importãncia de estudar, de aprender. Nunca tive tanta oportunidade de aprender a gostar de ler assim na minha vida. Eu estava envolvido em trabalho totalmente elevado, um ambiente muito bom, com um propósito muito bem definido. E sabendo que aquilo era por um período determinado, me envolvi bastante, aprendi bastante.

Grover: Você trabalhava de dia e estudava de noite?

Sá Maia: De noite eu estudava o Evangelho ou bons livros, ou então ajudava os missionários de pregação na obra de proselitismo.

Grover: Como era o Ramo de Bauru naquela época?

Sá Maia: Naquela época era bastante fraco, em comparação com hoje que está dividido, são duas alas hoje. Naquela época en termos de liderança e de programas era bastante sacrificado. A cidade era importante, era central, como ainda hoje. Então era importante a igreja estar ali. Depois de 15 meses em Bauru eu fui para Santos, trabalhei na capela de Santos por 9 ou 10 meses. Enquanto eu estava em Santos foi a época da escalada da Guerra do Vietnam, caiu o número de missionários chamados nos Estados Unidos e parece-me que havia um limite de missionários para serem enviados naquela época. Isso sacrificou um pouco a obra missionária e o Presidente Wayne Beck que era P-residente de Missão naquela época, ele iniciou esse projeto de enviar missionários brasileiros para a missão e inicialmente até para o exterior.

Grover: Antes disso, eu li muitas coisas sobre a construção e os missionários de construção e houve alguns probelmas com os missionários que não eram muito bons, que tiveram problemas com o trabalho. Houve muitos outros problemas com outros missionários.

Sá Maia: Bom, o tipo de problema que eu vejo é que membros bastante novos eram chamados para a Missão de Construção e as normas e as regras não eram tão bem definidas como para os missionários proselitistas e nem o tipo de valorização de apoio da liderança, era satisfatório. 0 que a gente conseguia era muito por iniciativa própria, mas não que houvesse na parte de assistencia e orientação pessoal, não tinha nada que fosse assim muito bem estruturado, em termos de méritos normas, programas. Tinha o trabalho a ser feito, normalmente um trabalho simples pelo menos do ponto de vista de status social, era um tra­balho simples, e não havia então essa tentativa de envolvimento dos jovens, de procurar edificá-los para alguma coisa do ponto de vista espiritual moral e de liderança. Era um trabalho que ficava móis nas mãos da liderança local ou de Supervisores de Construção que às vezes eram mais técnicos, enquanto que um Presidente de Missão era uma pessoa de um porte ou de um senso de liderança ou de experiência e responsabilidade diplomática e espiritual muito mais bem definida. Então houve um pouco de abandono, não havia muita experiência, muitos eram membros novos, mas daqueles primeiros, onde houve um pouco mais de envolvimento e de importância, tem muita liderança hoje que provém desses ex-missionários construtores. Acho também que no Brasil foi o lugar onde melhor funcionou. Funcionou por uns dez anos esse programa. Eu acho que em outros lugares do mundo não con-seguiram isso aí.

Grover: Quem pagou para você, era o Ramo local?

Sá Maia: Olha, eu acho que era o Fundo de Construção da Igreja. Agora tinha uma participação local na questão da alimentação, na distribução da alimentação. Agora quanto à moradia, era num barracão mesmo, na própria construção. Roupas eram roupas de trabalho, que era a igreja comprava, a gente recebia uma pequena ajuda de custo semanal par alguns gastos pessoais e era basicamente isso.

Grover: Então foi o Presidente Beck que chamou você para servir como missionário?

Sá Maia: Foi o Presidente Beck, isso foi no fim de 65, quando iniciou o primeiro grupo de jovens que ía partir para a missão. Fói composto de 5 jovens. 0 primeiro que saiu foi então o irmão Irajá, que hoje o Presidente de Estaca de Recife. Ele havia sido também durante uns 9 ou 10 meses, missionário construtor, ele foi então chamado para a missão de proselitismo enquanto era ainda missionário construtor.Ele era de Recife e ele foi para o Chile. 0 segundo então, o irmão Luis Lombardi era filho do Conselheiro da Missãd, se não me engano. Ele foi para a Itália e em seguida saí eu, que estava também na missão de construção. Fui para a Missão Franco-Suíça, a sede era em Genebra. Em seguida a mim, saíram os outros dois que eram desse primeiro grupo, completando esse primeiro grupo de 5: o irmão Werner Sproll e o 0swaldo Spat. Os dois foram para a missão Suíça, na parte alemã.

Grover: E você foi para onde?

Sá Maia: Missão Franco-Suíça, Genebra. Era a Missão Francesa do Leste, como naquela época se chamava. Essa missão já estava começando a se caracterizar em missão de dois anos, pelo menos as de lingua espanhola, e portuguêsa. Mas quando eu cheguei lá eu vim a saber que ainda ele tinha treinamento de lingua para o francês, então a minha missão era de dois anos e meio, trinta meses, naquele estilo antigo ainda. A sede era em Genebra, eu fiquei alguns poucos dias em Genebra, depois fui par Lyon, depois fui para Annecy, Aix em Provence, Grenoble e sa Suíça.

Grover: Então não falava francês?

Sá Maia: Não fui treinado. O francês que eu conhecia era da minha experiência de Ginásio no Brasil. Eu tinha estudado quatro anos. No Brasil nós estudávamos quatro anos de francês. Iniciávamos o francês já na primeira série ginasial. Eu tinha algumas noções da língua, da gramática, dos verbos, mas eu nunca tinha desenvolvido conversação.

Grover: Achou difícil? Gostou?

Sá Maia: Gostei bastante. Bom, em termos assim de experiência, foi uma experiência fabulosa, conhecer a Europa, conviver com o povo lá e aprender deles e participar da cultura deles. Agora em termos de obra missionária foi bastante duro. Eu senti que a igreja já foi muito forte lá, mas que no caso de Europa, a igreja incentivou sempre muito a imigração, nas épocas difíceis na Europa, nas épocas de guerra, por exemplo, muitos dos membros fortes eram encorajados a imigrarem para os Estados Unidos, para os Estados Unidos, para Sião. Depois da Segunda Guerra então, até 50 a igreja ainda perdeu bastante membros e depois eu acredito que apesar de ter vindo uma nova safra, acho que o modo de vida dos europeus depois da Segunda Guerra mudou muito. Se tornou um povo que começou a viver muito mais o dia a dia, de pensar no hoje, de usufruir assim dos benefícios de um pais avançado, da indústria, do conforto, tudo isso mais disseminado. Eu acho que não perderam a lembrança da guerra ou das dificuldades e passou a ser um povo que começou a viver muito mais o dia a dia, de pensar no hoje, de usufruir o hoje e com isso assim, a religião perdeu seu lugar. Então era difícil, prin­cipalmente vindo com uma religião de origem americana.

Grover: Quem pagou sua missão?

Sá Maia: Foi a minha família, isso foi uma exigência do Presidente Beck, naquele inicio. Houve apoio dos Elderes do Quórum do Distrito, Distrito de Tretê naquela época, a sede era Santana.

Grover: E ao voltar? Entrou na escola novamente?

Sá Maia: Quando eu voltei, quando eu tinha saído para a missão de construção eu tinha interrompido no 24 Colegial; Tentei entrar num Colegial nor-mal, mais aí foí mais difícil; foi mais vantajoso para mim entrar no Madrueza; prestei Madureza e concluí então o Colegial naquele ano; já no mesmo ano que eu voltei eu tentei Bolsa de Estudo em um Cursinho para Vestibular, ganhe a Bolsa de Estudo e no ano seguinte então entrei no Curso Superior.

Grover: Então não foi difícil voltar novamente?

Sá Maia: Não pelo contrario. Isso em termos de experiência, de vivência; até que me ajudou muito. Em termos acadêmicos, para estudo, eu voltei mais bem, preparado do que ants, tenho certeza, principalmente pelo fato de eu ter ido à Europa. 0 francês até me ajudou a arrumar empregos, poruqe eu arrumei vagas para dar aula em Vesitibulares de francês.

Grover: Vamos falar sobre as doutrinas da igreja. Quais as que você gostava mais, com as quais se sentia melhor?

Sá Maia: Bom a primeira que foi a que marcou mesmo assim em termos de um testemunho pessoal foi durante a missão de construção, no início da missão de construção, a leitura do Livro de Mórmon e a visão da doutrina da queda e da expiação. Apresentada da forma simples, direta e espiritual no Livro de Mórmon. A doutrina da queda e da expiação. Quando eu entrei na igreja o que me prendeu mesmo, como eu já falei antes, o que me encantou muito no início, antes da época de missão de construção foi a organização da igreja. Os planos e os programas dela. Na missão de Construção foi que eu tive essa experiência mais pessoal. Depois uma doutrina que sempre me encantou muito é a do Sacerdócio, a doutrina do Sacerdócio. A visão também do Convênio, do povo do Convênio, a doutrina sobre Israel e o entendimento da missão e do destino de Israel. Dessas coisas eu sempre gostei muito.

Grover: Você teve algum problema com doutrinas como por exemplo a Poligamia?

Sá Maia:Não.

Grover: Como você soube do problema com os pretos e o Sacerdócio?

Sá Maia: Você quer dizer como é que eu encarei isso? Para mim nunca se levantou como uma questão que originasse algum conflito muito profundo, em termos do meu testemunho da igreja. Era uma coisa que, entendendo a organização da igreja, era uma coisa que eu sabia e que não adiantava eu conflitar com ela. Na verdade assim, nunca foi uma questão de muito peso.

Grover: Os brasileiros não tem muito problema com racismo. Houve algum problema assim com a igreja, com a doutrina contra os negros?

Sá Maia: O que eu vejo assim problema maior no Brasil, eu acho que quem sofreu mais foram as próprias pessoas, os próprios membros que descobriram ou conheciam que possuíam linhagem. Eles eram então barrados de exercer o Sacerdócio dentro da igreja. Para esse pessoal eu acredito que tenha sido realmente um drama, um conflito muito grande. Agora para os demais eu acho que se alguém era contra ou a favor, era mais por uma questão puramente social por se admitir, tradicionalmente, o traco cultural de que no Brasil é muito fácil a mistura, a miscigenação. Mas em termos instituciònais, não é só a igreja Mórmon, mas muitas outras instituições no pais apresentam traços de racismo, sejam clubes, e posso falar assim por alto mas seria uma questão de verificar melhor, mas o próprio Exército, a Marinha, como eu falei, clubes, escolas, algumas escolas Superiores mais tradicionais no país, principalmente aquelas ligada à administração pública, a exemplo do Itamarty, todas essas atividades, a parte diplomática, tudo isso eu acho que tem um certo traço de racismo no Brasil, pelo menos em nível institucional. Eu acho que se fosse uma questão disso se tornar um drama ou a origem de um conflicto muito grande seria mais o fato do indivíduo que gostava da igreja, tinha o testemunho e foi barrado por causa da linhagem. Quanto aos outros eu acho que era mais uma questão social, mais uma questão de conveniência, ou de posição social. A coisa é muito mais complexa do que simplesmente dizer que no Brasil não tem racismo. Eu acho que há um pouco de conflito no comportamento. Culturalmente não ha racismo, mas institucionalmente sim.

Grover: Você estudou nos Estados Unidos. Você acha que tem coisas da cultura americana que existem dentro da igreja e que não são parte do evangelio? Você notou alguns americanismos?

Sá Maia: Só uma coisa ainda com respeito à pergunta anterior. Existe com respeito à doutrina do Sacerdócio negado aos descendentes dos negros, onde eu pude perceber mais resistência manifestado foi no meio estudantil. A questão é que a igreja Mórmon tem mesmo uma conotação de uma igreja americana; prestaria assim um serviço ao imperialismo, um instrumento da ideologia americana. De fato há uma identidade, o americanismo com o mormonismo para muitos dos estudantes nessas universidades, entre o pessoal mais critico. Assim como uma Itália pode identificar um catolicismo, a ligação que existe da cultura americana ou do modo de vida americano é o mormonismo, seu maior símbolo. Nisso eles viam uma religião como sendo puramente um instrumento de doutrinação de influência americana. Isso era entre os jovens, depois nos outros grupos havia essa tradição brasileira de um povo que se mistura facilmente com as outras raças (mas isso qualquer pais Latino Americano é assim,) mas o Brasil, então como um país que se mistura com as outras raças, surgindo então uma religião dessas, é algo estranho assim à nossa cultura. Mas isso é mais em nível tradicional, superficial da cultura, pois institucionalmente há muitos indicadores de racismo.

Grover: Você já estudou muito. Já se formou. Você tem sentimentos assim?
Que talvez tenha influência americana demais na igreja?

Sá Maia: Eu acho que tem uma distinção ai. A nível da doutrina, como eu falei da experiência na missão, quanto à leitura do Livro de Mórmon, então nessa questão das doutrinas fundamentais, do cristianismo, aquelas que a gente poria em confronto com a Bíblia ou qualquer outro livro religioso, para mim nunca houve problema com respeito ao mormonismo, à posição dele, a doutrina e a veracidade dele. Agora, do ponto de vista da organização, da administração, do estilo administrativo e do estilo de organização e do estabelecimento de programas e de finali­dades, não há dúvidas, tem muita coisa que está enraizado no sistema de vida americano. Agora, discutir valor disso, é muito amplo porque, por exemplo, existem coisas que naturalmente limitam os efeitos da nossa aplicação de programa, sua aplicação à nossa cultura, carregado de uma forte dose de racionalidade, de objetivi­dade nos programas. Como eu falei, com forte dose de eficiência, de objetivos establecidos. Esse sentido da Administração por Objetivos e da eficiência pelos resultados, isso é que eu vejo como uma marca muito grande da influência americana no tipo de programa, da sua fun­cionalidade. Você entra numa capela, por exemplo, é quase que negli­genciado o fator arquitetõnico, de acústica, de humanismo; o negócio é muito mais a funcionalidade da coisa; cozinha, sala, capelas, tudo atendendo um objetivo muito preciso; nisso eu vejo muito essa presença da racionalidade voltada assim para objetivos muito defini-dos, a operação de alguma coisa muito bem definida, em termos de melhora do padrão.

Grover: Os brasileiros tem problemas então trabalhando? Por exemplo no Sacerdócio.

Sá Maia: Um pouco porque a administração normalmente no nosso país tem um caráter muito pessoal; é muito reforçado o caráter carismático, pessoal, da criação do círculo de influência de um indivíduo, ao mesmo tempo que ele sustenta um processo administrativo muito seguro para ele em termos dicisórios e de influencia; não descentraliza muito; então mistura um pouco de paternalismo, e algo mais ou menos burocrático; fica então um negócio muito personalizado. A gente já nota que ja existe no próprio país uma influência muito grande da cultura americana; você chega numa cidade como São Paulo, quase que você não nota quase nada característico do país, ou de diferente; E muito semelhante a cidades desenvolvidas, principalmente nos Estados Unidos. E esse modo de vida que é moderno, carac­terístico de industrial, também pressiona o pessoal para um modo administrativo desse tipo, em busca de eficiência. Então eles pro-curam aplicar isso em seu mundo de trabalho. Mas é basicamente isso. Há então um pouco desse tradicionalismo que é o paternalismo, do autoritarismo no Brasil, centralizado numa pessoa com a criação de círculos afetivos, da pessoa, de um favorecendo ou gostando do outro, e existe do outro, do muito desse aspecto racional administrativo voltado à eficiência do resultado e do objetivo. Eu acho que entra aí um pouco da dificuldade que nós temos em administrar como lá nos EE.UU.

Grover: Quando é que vocês se casaram?

Sá Maia: Em 1974. Em março.

Grover: E a mulher brasileira na igreja? Ela é mais livre na igreja?

Sá Maia: Sim, a gente nota isso mais nas gerações mais jovens. Não sei se é o próprio tipo de vida urbano e moderno que acabei de explicar mas assim nos casais mais jovens a gente já vê uma participação maior do marido em aceitar a mulher ser chamada para cargas e ter respon­sabilidades administrativas na igreja e dividir o tempo e compar­tilhar o cuidado da casa com ela, de eles dividirem responsabilidades, então isso na igreja é nítido, principalmente nos mais jovens, dele ter que cuidar de criança e olhar a criança também, dividir o serviço.

Grover: Como é que você encontrou a sua esposa?

Sá Maia: Foi numa conferência de jovens, assim em atividades de jovens. Naquele tempo como é que era? Eram os Cavalheiros e Ceifeiras? Na época que houve uma separação, começou a haver uma separação de jovens e tal. E tinha o festival do pessoal dessa idade, de acima de 18 anos, foram então Festivais de Talento culturais dos jovens da igreja.

Grover: Tem mais mulheres na igreja do que homens? Existe uma diferença ou problema com casamentos?

Sá Maia: Não sei. Eu não tenho dados estatísticos. Mas eu não sei se é fundado na questão estatística por ter mais mulher do que homem. Não sei se é isso ou se é porque elas ficam mais ativas do que os homens, se elas permanecem mais ativas, agora se tem mais homens do que mulheres, eu não sei.

Grover: Quando você estava namorado você sentia a falta de rapazes na igreja?

Sá Maia: Sim, e há queixa ainda hoje de que não tem quase rapazes na igreja, assim de nível cultural, condições economicas. Tem, mas muito des-preparados os jovens, tanto profissionalmente como culturalmente.

Grover: E o que acontece? As mulheres se casam com rapazes fora da igreja? Ficam solteiras?

Sá Maia: E, tem muitas solterias, Algumas tem sorte, como é o meu caso, e muitas se casam fora. As vezes conseguem trazer antes, um pouco antes de se casarem.

Grover: E logo depois foram para os Estados Unidos.

Sá Maia: Nós nos casamos por procuração. Eu estava lá. Mas quando eu sai do Brasil, já tinha dado ao pai dela o direito de me representar, então já tinha me comprometido ao casamento com ela. Então fui para os Estados Unidos e depois de três meses ela foi. Nos casamos no templo de Lago Salgado, 29 de março de 74.

Grover: E como foi a BYU para você? Foi dificil?

Sá Maia: Não. Eu voltei da missão com 23 anos e pouco, e aí eu entrei na USP, Universidade de São Paulo aqui, que é de nível bem aceito. Eu já tinha uma vivência acadêmica, universitária, quando eu fui para a BYU. Então não tive dificuldades. Agora foi muito benéfico por causa da visão do universo da igreja. Ali é praticamente um centro.

Grover: Não é um problema para os brasileiros na BYU que se afastam da igreja?

Sá Maia: Talvez porque eles estejam apegados á igreja muito pela questão de ser uma igreja muito envolvente, então aqui eles se tornam parte muito mais do jogo, da situação. Então talvez essa seja o aspecto que os prenda muitos à igreja. Gostam da igreja mas dentro de experiências novas de estruturarem alguma coisa, viverem a doutrina integralmente e atuarem em seu governo nos Estados Unidos entram numa situação na qual já se depende muito menos deles, e da organização da igreja. A coisa là, eu acho, passa muito mais para compromissos pessoais, de profissionalização, do casamento; são portanto decisões muito mais pessoais em que tudo está estruturado de uma forma muito mais pessoal de auto suficiência e não no envolvi-mento dentro de um grupo, como aqui. A igreja aqui consumiria muito. As pessoas esperam muito da igreja e gostam muito da igreja, muito pelo tipo de confraternização, a comunidade que ela oferece, o que até agora lhes tem sido muito limitado. Isso deve ser um tipo de choque que eles têm lá.

Grover: Você trabalhou na igreja lá? Tinha cargos?

Sá Maia: Tinha. Inclusive por eu saber que eu ía voltar para o Brasil eu optei por assistir uma ala não de estudantes, mas uma ala onde tivesse familias, uma ala regular para ver a igreja operando normal-mente. Então frequentei uma ala e como eu estava dentro daquele programa de treinamento, me deram a oportunidade de assistir uma ala e receber, participar de reuniões do Bispado, assistir reuniões do Bispado e do Comitê Executivo, para ver como é que o Sacerdócio funcionava e operava. Então teve até essa situação particular, a minha experiêcia lá.

Grover: Quando você voltou para o Brasil, que cargos você ocupou?

Sá Maia: Quando eu voltei para o Brasil fui trabalhar como Segundo Conselheiro da Missão, trabalhei com o Presidente Saul Messias de Oliveira e o Presidente Harry Maxwell, Missão Brasil São Paulo Norte. Depois, com quase já três filhos, ficava muito dif1cil para eu ficar com esse cargo e eu tinha que viajar constantemente, sacrificava até a atividade dela na igreja, então eu fui para a Estaca Perdizes, fui membro do Sumo Conselho e agora eu mudei para a Estaca São Paulo e sou Conselheiro do Bispado.

Grover: Conselheiro do Bispado?

Sá Maia: Agora.

Grover: Explique como foi a construção do templo aqui.

Sá Maia: Eu estava nos Estados Unidos e não participamos muito. A única parte que eu estive envolvido com respeito ao templo, quando eu cheguei eu fui convidado para participar do Comitê Cultural da Inauguração do Templo. Então eu estive bastante envolvido na preparação, nos ensaios, e na participação da peça na Noite Cultural em que foi apresentada. Era "A Porta". Mas em termos da construção eu não estava aqui.

Sá Maia: Então tem isso, mas eu não sei se é só americano.

Grover: Tem dois brasileiros?

Sá Maia: Não.

Grover: É uma influência Mórmon?

Sá Maia: E nem é só Mórmon. Você tem americano numa multi-nacional, no estilo administrativo. A gente sente, todo mundo sente quando o templo era administrado por americanos e agora. E o estilo administrativo na indústria. No Brasil ainda é muito o Senhor que é o dono; passa para o filho, é muito personalista, dá favores às pessoas, é uma honra eu receber um favor de uma pessoa dessas, sua indicação, é tudo muito nessa base. E na igreja isso existe, enquanto que nos Estados Unidos já é muito mais como eu falei, o negócio da racionalidade, a eficiência de uma objetividade, de um plano, de uma administração por objetivo. Agora isso vem com o tempo; e não é só por causa da igreja. Isso vem é com o Rotary, com a Ford, com a GM, o estilo administrativo. Essa proliferação das escolas de Administração de Empresas, isso tudo é do próprio modernismo. Se você são os maiores porta-vozes disso hoje no Brasil, por exemplo, são os militares e a Escola Superior de Guerra. Esse pessoal então são inteiramente doutrinados num racionalismo e num positivismo euro­peu e americano. Então eles são um padrão máximo de administração. E ele estão no governo hoje.

Grover: Então a igreja faz parte desse movimento de modernismo.

Sá Maia: Ela é. Eu acho que ela integra isso totalmente no plano administra­tivo e organizacional. Da doutrina tem então justamente como eu falei, por exemplo o catolicismo nunca vai trazer um estilo de vida desses, de eficiência, de racionalidade, de planejamento. Vai ter que mudar muito. Não é parte da estrutura dela.

Grover: Mas o Mormonismo tem uma influência em casa, que as outras religiões não tem. Quais são essas influências?

Sá Maia: Você já está gravando? Eu acho que é na valorização da mulher, na medida em que existe uma pressão para que o homem eleve a posicão da da mulher e a reconheça e a deixe participar, a deixe liderar, opinar, tomar parte em conselhos de família, não haver decisões sozinhas, os filhos serem envolvidos nas decisões também, muito do planejamento então da família ser voltado para a obra missionária do filho, do filho se tornar um missionário, ter uma dedicação religiosa também, parte de vida dele, existe assim uma valorização do êxito individual, uma individualização de responsabilidade e de e de que o sucesso tem que ser alcançado nessa terra e nessa vida, a ênfase na educação, na profissionalização, apesar de que na igreja ainda estamos muito mais voltados para os programas e atividades na capela. Ainda vemos muito a igreja na capela mas a gente começa a sentir surgir cada vez mais esse conflito. De os indivíduos serem mais atendidos nas necessidades básicas de bem-estar e isso é um planejamento familiar baseado justamente na eficiência, numa eficiência administrativa, individual do pai, mas onde o Sacerdócio é baseado num tipo de autoridade totalmente diferente do paternalismo ou do autoritarismo, como a gente está acostumado a ver. E muito mais na persuasão, na participação, na decisão comum dos filhos e então tudo isso já é voltado para essa eficiência administrativa do planejamento financiero, do planejamento profissional, armazenamento, alimentação.

Esposa: Mas existe ainda auma resistência da parte da igreja, da parte administrativa da igreja, enquanto o papel da mulher nas decisões quanto às necessidades das familias da ala. Por exemplo, uma Presidente da Sociedade de Socorro deveria ser a Presidente da Sociedade de Socorro para o Bispo assim como a esposa para o marido no lar, então a Presidente da Sociedade do Socorro e o Bispo para a igreja. Então eu acho que existe uma certa resistência do Sacerdócio quanto à participação da mulher nessas decisões.

Sá Maia: É que tem muita coisa que estaria nas mãos dela. Pela delegação da autoridade e pela função, muita coisa está nas mãos dela, da Presidente da Sociedade de Socorro, para definir.

Esposa: Mas é que não se solta muito. Parece que.o homen **é** que tem que real-mente dominar essa parte. Não se aceita tanto assim a influência dela como Conelheira, como Orientadora também, que eu vejo a parte das mulheres, o interesse das mulheres, os problemas das mulheres. Isso deveria ser recebido assim com muito mais facilidade, da parte do Sacerdócio e dos membros. Há uma resistência embora a gente saiba que tenha teoricamente tem sido aceitada essa participação.

Grover: Você como Presidenta da Sociedade de Socorro assiste às reuniões?

Livia: Bom, de Bem- estar, de Correlação, mas são pouquíssimas as alas que fazem isso, Aqui ainda na minha ala tem sido mais sorte da partici­par melhor. Mas já tive como Presidente de Sociedade de Socorro uma outra unidade que era uma resistência total.

Grover: É isso que eu digo. Nos Estados Unidos a gente ve um plano de organização avançadissimo, principalmente do Programa de Correlação que é todo fundado justamente na delegação, nas responsabilidades divididas e nós não estamos acostumados por causa tanto da centrali­zação como de o pessoal deixar centralizar e esperar que realmente seja centralizado. Isso depois eu posso te mostrar eu estava vendo aí uma pesquisa sobre ex-missionários, os resultados da profissionalização deles há uma expectativa grande quanto ao papel da institução de atender as necessidades deles, das coisas serem atendidas em nível institucional. Se acreditar então numa concentração de poder e do resultado vir dali de quem tem autoridade. Então não se sente ainda muito a autoridade distribuída. Isso é uma coisa que eu acredito também, eu acho que a igreja, o nível de influência dela não é nos níveis altos. Então em outros níveis, no nível administrativo de empresas, ou num nível politico, existe uma corrente levando a isso também. Essa modernização administrativa. Mas a igreja atua e ela está atualizadissima, é até avançada nesse plano, mas naturalmente a esfera de influência dela é em termos de nível social e membros da igreja. Mas eu vejo muito assim um paralelo com essa modernização administrativa que é a situação das multi-nacionais, o estilo administrativo em nível politico, a aproximação dos Estados Unidos e da Europa.

Grover: Uma coisa que eu notei aqui, os brasileiros não tem muitas pessoas intelectuais, não tem muitas pessoas escrevendo sobre a doutrina, sobre a história.

Sá Maia: Membros? É muito pouco. Muito poucos os que desevolevem isso.

Grover: Por que? Falta de tempo?

Sá Maia: Falta de tempo, falta de estimulo, falta de sentido no negócio, por-que eu acho que o ponto de vista da liderança no Brasil, é muito pragmática. Não sei te explicar agora muito bem isso, mas os progra­mas vem feitos e o pessoal pensa que é uma questão de o programa estar ali e já pode ser aplicado e vaidar certo. Então há ema ênf­ase, eu noto, no aspecto prático da coisa. Qualquer coisa intelec­tualizada, refletida, mesmo que seja a nível experimental como é necessário, como uma pesquisa, uma reflexão, mesmo que seja uma coisa de experiência, normalmente essa pessoa não é muito aceita porque ai já é a corrente mais forte da cultura brasileira que em plano intelectual e cultural, tem muita influência da Europa. Então tende a ser mais analítico ou muito sofisticado e às vezes não atende ao tipo de resposta que a igreja espera, que é muito mais de crescimento e desenvolvimento de um programa de números; isso da parte da própria liderança nos Estados Unidos, não é só brasileiro. Mas a própria pressão das Autoridades *lá* é para um resultado mais prático mesmo. Querem é ver os números. Esses dias mesmo eu estava conversando com o Presidente Osiris, e ele estava falando do que se espera em termos de metas, do plano de crescimento e ele estava falando da validade ou não de um computador na missão dele; Marcelo estava tentando con-vencê-lo. Mas ele falou, "Mas com o que eu tenho que fazer lá, 50, não sei se é por semana ou por mês," então eu perguntei para ele, "Mas 50 o que?" ou seja, não importa o que mas quanto. Ele admitia a validade do computador se ele precisasse fazer uma pesquisa. Por exemplo, os pais, que tipos de pais procurar. Como programar um pouco melhor a obra missionária em nível local? Então não há lugar tanto para planejamento. Aqui não é que nem nos Estados Unidos. Aqui você não tem uma segurança, principalmente nos últimos 20 anos, nos EE.UU. você já tem uma segurança social, o padrão divida e mais estável você tem uma certeza dos resultados do sistema educacional, a qualidade de vida é mais homogênea. Então com um nível, ou padrão de vida mais baixo, aqui você não pode ser tão aleatório na busca das coisas, senão a qualidade e sacrificada mesmo. Então primeiro é que não se sente a necessidade, porque a questão é ocupar cargos serem ocupados e os trabalhos desempenhados e a igreja crescer, é basica­mente isso. Em função disso não há o estimulo, porque não se sen­tindo a necessidade de uma elevação de padrão de qualidade não ha tanto reconhecimento. Eu acho que no mais é isso. 0 tipo de cresci-mento que o Brasil está experimentando é a crença muito grande no sentido prático da coisa, dentro de um sentido muito mecánico. Essa questão do programa de profissionalização dos jovens, mais especifi­camente ex-missionários. Então você vai conversar com lideres, de quórum, é o pessoal fala que o negócio é preciso empregar os jovens. Fizemos um Seminário sobre mercado de trabalho no Brasil. Foi tudo muito expositivo, mas fotografando a realidade. Mas foi muito infor­mativo. Então o negócio é empregar, diz o pessoal, mas dentro de que processo pergunto eu? E qual o papel do quórum nisso? 0 papel da família? Do jeito que estão fazendo atualmente está certo? E só empregar, ou existe alguma coisa a ser trabalhada? Então quando chega na dimensão do processo o pessoal não sente a necessidade, não questiona. Se você for fazer isso, e quizer enriquecer o processo o negócio sai muito criticado. Você é teórico, não resolveu a coisa.

Grover: Você sente falta disso na igreja?

Sá Maia: Acho que todo mundo sente. Todo mundo tem sentido uma queda na qualidade de programas, dos discursos. Estam se espalhando o costume de uma ala chamar pessoal de outra ala para fazer discurso em suas reuniões. Já me chamaram, e eu sou Conselheiro aqui da ala Saõ Paulo 5 e já fui convidado umas duas ou três vezes por outras alas de outras estacas para fazer discurso. Eu não vou, não. Procuro evitar o máximo possível. Então está muito gozado. Muito gozado. Há um certo vazio. Depois eu posso te mostrar a análise aí, há uma juven­tude confusa para xuxu.

Esposa: Não tem coerência nenhuma.

Sá Maia: É um mal estar mesmo.

Grover: Explique um pouco sobre a dedicação do templo.

Sá Maia: Bom, a dedicação do templo foi então em outubro, novembro de 78.

Grover: Bom, primeiro explique como é que você ficou sabendo da revelação do Sacerdócio em julho.

Sá Maia: Bom, eu cheguei na missão, ná casa da missão, eu era Conselheiro do Presidente Saul, e então em Elder chegou e me disse, "Senta aí". Eu falei; "Ta bom". Se você conhecer algum negro pode ensinar e dar o Sacerdócio para ele. Eu falei, "Mas como é?" Aí eu fui falar com o Presidente Saul e me lembrei que no dia anterior ele havia sido chamado urgente para ir falar com o Elder Bangerter. Aí então ele ma passou a noticia. 0 Elder Bangerter tinha recebido um telefonema urgente dos Estados Unidos, do Elder Bruce McConckie, para transmitir Presidentes de Missão e de Estaca então a nova revelação. Bom, foi um momento assim exultante para todos nós e logo, como estavamos preparando a peça de templo, já quisemos incluir a questão da revelação, que era um assunto novo, a gente já estava preparando há muito antes e então foi assim uma noticia de grande alivio, de muita alegria.

Esposa: Uma pessoa ligava para a outra, muito contente. De repente espalhou mesmo.

Sá Maia: Contagiou mesmo. Foi assim que eu soube. Agora no templo então, na dedicação do templo, assistimos a várias sessões. Estavam presentes o Presidente Kimball e Presidente Tanner da primeira Presidencia. Eu me lembro do elder Gordon B. Hinckley, o Boyd K. Packer, o Elder Bangerter, o Elder Wells, o Elder aí da Argentina. Então tinha aí esse pessoal e eles fizeram sessões diariamente, até acho que várias por dia. Uma só por dia. Na última nós tivemos a oportunidade de assistir e ter uma experiência muito tocante. 0 Elder Gordon B. Hinckley, que era apóstolo, fez um discurso e citou uma experiêcia. Falou que no dia anterior ele lembrou-se da revelação, da doutrina, da revelação, de que os negros podiam receber o Sacerdócio, e ele tinha notado membros negros presentes naquelas reuniões de dedicação e que normalmente não poderiam estar em outras ocasiões,-e que na hora de oração do Presidente Kimball, da. oração de dedicação, pensou naqueles negros, quando Presidente Kimball terminou a oração, ele Elder Hinckley levantou os olhos, estava chorando e viu também aqueles negros que estavam chorando. Então ele citou uma experiência dele no Brasil, há muitos anos atrás numa cidade pequena do interior, que ele visitou, como apóstolo. Havia uma família naquele ramo pequeno, família muito envolvida e participante. Tinha uma família que não era negra, mas que tinha linhagem e não podia receber o Sacerdócio. Eram ativos, estavam envolvidos e aquilo então doeu muito mesmo no coração dele. Ver a situação daquela família participando da igreja sem o Sacerdócio. E ele naquela noite orou fervorosamente inquirindo ao Senhor sobre a razão daquilo, se podia ser feito alguma coisa e ele recebeu uma resposta que dizia que haveria necessidade de um teste maior. Aquele povo precisava de um teste maior. Ele vendo aquela ocasião, em que a revelação já havia sido dada, aquele povo ali dentro, parte daquele povo ali dentro, então ele viu a situação deles durante todo o período de construção do templo, a igreja toda tendo que contribuir, os membros, não importava quem fosse, que contribuisse para a construção do templo, a igreja tendo que contribuir, sendo convidados membros, não importava quem fosse, que contribuisse para a construção do templo, que desse dos seus bens para a cònstrução do templo e esse povo então, e esse povo então oferecendo e participando da construção do templo sem que fosse fazer uso deles. Uma coisa que eles nunca poderiam usufruir. Mas aí a revelação veio e então aquele havia sido o teste maior que esse povo teria que passar e ele entendeu dessa maneira. Que aquele povo já tinha passado por aquele teste maior e que ele representou assim. Isso foi tão tocante, esse testemunho, ele chorou durante o testemunho, o Hinckley, e logo em seguida o Presidente Kimball falou a aí o Presidente Kimball citou assim os lances da experiência dele e como é que ele recebeu a revelação. Ele falou que ele já vinha muitas vezes orando na sala lá do templo, lá na sala especial que ele vai, e então ele expôs ao Senhor que aquele havia sido uma doutrina que ele havia defendido, estava disposto a defender, entendia, compreendia bem, apoiou sempre, todos os lideres estavam dispostos a apoiar, mas ele ía inquirir então ao Senhor se era possível alguma coisa então em termos de mudar o destino desse pessoal. E foi numa dessas então, ele explicou, ele recebeu a revelação.

Grover: Ele explicou como recebeu?

Sá Maia: Eu não me lembro de algum outro detalhe, mas que havia sido dada a revelação. Mas como é que foi transmitida aos Doze, pelo menos eu não me recordo, se ele falou eu não me recordo. Como é que ele transmitiu aos outros, como é que isso foi passado. Mas foi uma parte assim muito bonita.

Grover: Na sua opinião, qual é a melhor coisa na igreja? A melhor e a pior. Os problemas piores e as melhores coisas.

Sá Maia: A melhor coisa na igreja eu acho que é a oportunidade de se utilizar uma organização forte, criar uma organização que é viva, que vai se criando e vai se fortalecendo através da estrutura dela e dos programas e dos projetos dela. Uma organização que é forte, bem feita, e que tende a se fortalecer cada vez mais através da sua aplicação, numa oportunidade imensa, de amar uma pessoa, de prestar um serviço à ela, de supri-la com as necessidades principalmente a aplicação do bem-estar que é uma coisa que pode ser organizada dentro de uma estaca, dentro da igreja; é uma organização que é imensamente forte que permite o máximo de participação e de liberdade, o máximo de expressão e amor. Uma das coisas que eu mais gosto, em termos de igreja doutrina tem outras coisas.

Grover: E problemas? O problema maior na igreja?

Sá Maia: Bom, e problema grande na igreja é que a igreja para se avançar e se organizar ela está estabelecendo um programa administrativo muito bem feito. Então ela tem que coordenar muito bem as atividades na medida em que o crescimento é muito rápido e ela tem que manter um controle, um acompanhamento. Então é um programa muito bem definido em termos administrativos, na prática administrativa, mas isso está tomando o lugar do sentido do progrma. 0 fundamento da correlação não está localizado. 0 pessoal vive muito mais a prática administrativa que vem de fora e não vive então a essencia da correlação que é uma coisa a ser desenvolvida localmente, mas que para desenvolver loclamente precisa então de um pessoal muito livre, muito capacitado, uma padrão de vida bom e o pessoal não está caminhando para isso. Em nível de profissionalização da igreja eu acredito que esteja melhorando muito, de educação, de qualidade de programas, das atividades e do fortalecimento da família, da família se tornar auto-suficiente independente mas o pessoal ainda é muito apegado nos programas da igreja, em ir para a igreja. Então esse treinamento das famílias justamente a operacionalização local da essencia do programa, isso não é feito. E feito muito a operacionalização do programa regulares da capela. Então o Bispo fica administrando as coisas da capela. Os programas, as finanças, os relatórios, essas coisas, e a essencia do programa não é admi­nistrado. 0 Bispo ainda possui muita autoridade; está certo a autoridade que ele possui mas estou mais preocupado em relação ao Quórum dos Elderes, o Quórum dos Elderes aparentemente tem uma tre­menda responsabilidade mas aprentemente pouca autonomia, a não ser justamente que a coisa fosse bem correlacionada. Aí é que eu estou falanda; a essencia da correlação, a operação da correlação nem é feita e nem existe tempo para isso. A não ser então que houvesse todo esse embasamento administrativo e cultural assim da administração e do sentido da correlação que é uma coisa muito mais familiar nos Estados Unidos, justamente que é a questão da racionali­dade nas operações. Eu tenho visto muito que a racionalidade, o povo da igreja já está vendo isso mas normalmente, na nossa cultura, a racionalidade é muito mais um fator de domínio e de controle, de controle, politico e de autoridade. Nos Estados Unidos a racionGli­dade é muito mais um fator de produção e de resultados. Aqui quem carrega ela é a indústria, o poder politico, que tenta se modernizar um pouco. A racionalidade parece muito mais um fator de controle da tua vida do que um meio para você chegar a alguma coisa. E muito mais visto do ponto de vista burocrático, de controle do que administra­tivo.

Grover: É interessante.

Sá Maia: Então o pessoal no Brasil não está familiarizado com isso tudo, não é uma coisa que corre no sangue dele, não está na cultura dele, ele está muito mais acostumado com o carisma, é o líder que surge, é o líder pressoal, fica dependendo dele e não de um processo integral que conduza ala ou a família. Pelo fato de haver muito personalismo nesse setor administrativo, a liderança alta concentra muita coisa nela, e fica muita coisa dependendo deles. Isso até se torna prejudicial para eles também, não se integram totalmenté dentro da igreja, desse espírito, da essência da correlação. E a coisa então fica muito neles, centraliza-se a dentro do círculo deles. E as coisas essencian ficam separados em termos mais radicais e o povo sofrendo. Nada se podendo fazer em termos de organização, a coisa não está en grenada, está tudo separado.

Grover: Isso existe na igreja?

Sá Maia: Eu sinto.

Grover: Você trabalha no escritório da igreja. Isso existe lá também?

Sá Maia: Existe, em parte, sim. Tanto que muitos desses conflitos hoje, que surgem, foi por em falta de entrosamento do Sacerdócio Aarõnico e do de Melquizedeque. 0 temporal com o eclesiástico e questões políticas internas, e por causa dessa personalização existem conflitos entre indivíduos e então não se integra. Por exemplo, numa questão dessas de profissionalização, até que ponto um Sistema Educacional pode prestar um ajuda temporal, ou até que ponto o temporal é responsável pela oraganização de sistema de emprego e orientação do sistema de emprego pode ajudar, colaborar com o sistema educacional em termos de trabalharam juntos, mas no entanto não existe nada estruturado nesse sentido. Então o Sistema Educacional ensina conforme recebe os programas de lá, mas não existe nada assim local, que é dinamizado. E difícil pensar numa possibilidade disso tudo. Então, conceitual­mente e organizacionalmente, a igreja assim mesmo ainda representa um tremendo avanço. Mas a nível local, de opracionalizar e chegar e falar "Vamos pegar isso e fazer **isso",** não**.** Usam-se as idéias nos programas mas ainda é a pessoa levando, o indivíduo. Aparece muito a pessoa.